



PRACA

REVISTA DISCENTE DA PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA DA UFPE



VOLUME 4 - NÚMERO 1, 2020
ISSN 2595-1025

dossiê

Florestan
Fernandes



Contato

revistapracaufpe@gmail.com

Para mais informações, arquivos e submissões em fluxo contínuo, acesse:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/praca>

Imagem da capa:

Câmara dos Deputados

Informações Bibliográficas:

Praça: Revista Discente da Pós-Graduação em Sociologia da UFPE

Volume 4, Número 1, 2020, 106 páginas

ISSN: 2595-1025

Comitê Editorial:

Anita Pequeno

Carla Ribeiro Sales

Claudia R. Ferreira de Brito

João Flávio M. Amaral

Marcele de Moraes Silva

Mariana Albuquerque

Raphael Nascimento

Rebecca Portela Melo

Samara Maria de Almeida

Agradecimentos:

À professora Eliane Veras e ao professor Diogo Valença pela gentil escrita do editorial.

A todos os autores e pareceristas que contribuíram para a produção desta edição.

Sumário

Editorial	4
-----------------	---

Dossiê: Florestan Fernandes

As pesquisas folclóricas desenvolvidas por Florestan Fernandes: <i>uma introdução</i>	6
Rebeca Bandeira	

Cem anos de Florestan Fernandes: <i>uma vida dedicada à defesa da escola pública</i>	19
Cláudia Sena Lioti e Márcia Marlene Stentzler	

Ensino de Sociologia no Ensino Médio: <i>o olhar de Florestan Fernandes</i>	33
Célia Oliveira dos Santos Neta	

Florestan Fernandes e Theotônio dos Santos: <i>apontamentos sobre o capitalismo dependente e o fascismo na América Latina</i>	45
Itamá Winicius do Nascimento Silva	

Florestan Fernandes: <i>um precursor da política de promoção da igualdade racial no Brasil?</i>	69
Tairine Ferreira Pimentel	

O paradoxo da democracia nas relações raciais: <i>uma leitura de “A integração do negro na sociedade de classes”</i>	83
Lara Maria Alves Falcão	

Resenha

Recursos para um ativismo intelectual: <i>o paradigma da interseccionalidade em Patricia Hill Collins</i>	102
Lunara Gomes	

As pesquisas folclóricas desenvolvidas por Florestan Fernandes: *uma introdução*

Rebeca Bandeira*

Resumo

O folclore, enquanto objeto de pesquisa, foi tema presente na obra de Florestan Fernandes entre os anos de 1941 e 1962. Cronologicamente, trata-se de uma das primeiras temáticas que despertou o interesse científico no autor. Não obstante, as contribuições sociológicas fornecidas pelos estudos folclóricos desenvolvidos por Florestan Fernandes envolveram reflexões amplas sobre a relação existente entre o folclore e a cultura, entre o folclore e a educação e entre o folclore e a sociedade como um todo. Diante disso, este artigo buscou explorar alguns desses pontos, bem como procurou levantar algumas hipóteses para justificar o interesse do autor pelo tema.

Palavras-chave: Folclore. Cultura. Sociedade. Educação. Estudos folclóricos.

The folk researches developed by Florestan Fernandes: *an introduction*

Abstract

Folklore, as an object of research, was a theme present in the work of Florestan Fernandes between the years 1941 and 1962. Chronologically it was one of the first themes that aroused scientific interest in the author. Nevertheless, the sociological contributions provided by the folklore studies developed by Florestan Fernandes involved broad reflections on the relationship between folklore and culture, between folklore and education, and between folklore and society as a whole. Therefore, this article sought to explore some of these points, as well as to raise some hypotheses to justify the author's interest in the theme of folklore.

Keywords: Folklore. Culture. Society. Education. Folk studies.

*Mestra em Educação pela Universidade de Campinas (Unicamp) e graduada em Ciências Sociais pela mesma instituição. E-mail: rebecacsbandeira@gmail.com.

Introdução

Certamente o nome de Florestan Fernandes (1920 – 1995) ocupa um papel de destaque no âmbito das Ciências Sociais brasileira, pois se trata de um pesquisador genuíno, que contribuiu empírica e analiticamente para o processo de interpretação das particularidades deste país. Florestan Fernandes se dedicou a diversas temáticas ao longo de sua carreira, tais como a questão indígena, a questão racial, a questão educacional, entre outras. Porém, o artigo que aqui segue tem por objetivo apresentar um panorama geral do envolvimento e das contribuições dadas pelo autor no que diz respeito ao folclore.

Para pensar a atuação de Florestan Fernandes diante do tema do folclore é preciso fazer algumas considerações prévias que, em alguma medida, ajudam a explicar a ligação do cientista social com o objeto. Sem dúvidas, já é bastante conhecida a trajetória de vida do autor, sobretudo por se tratar de uma trajetória que divulga a condição *sui generis* de um indivíduo que conseguiu romper com a sua condição de classe.

Nascido em 1920 na cidade de São Paulo, o autor vivenciou circunstâncias em sua infância e adolescência que mesclaram extrema pobreza e trabalho precarizado, algo sintomático de uma cidade que experimentava transformações sociais profundas advindas da crise oligárquica em paralelo com o processo de urbanização e industrialização. São Paulo era uma cidade em que coexistiam elementos do passado e de um futuro em construção, algo que gerava uma realidade complexa marcada por desigualdades sociais. Naquele momento, o folclore era um dos elementos do passado que ainda se fazia presente apesar de toda a mudança social em curso. O próprio Florestan Fernandes ao lembrar de sua infância mencionou ter tido a oportunidade de “[...] de sofrer o impacto humano da vida nas trocinhas e de ter réstias de luz que vinha pela amizade que se forma através do companheirismo (nos grupos de folguedo, de amigos de vizinhança [...] e por aí afora)” (FERNANDES, 1977, p. 143). Portanto, o folclore desde muito cedo esteve presente na vida pessoal do autor.

No ano de 1941, contra todas as expectativas imaginadas para um sujeito oriundo da classe trabalhadora, Florestan Fernandes ingressou no curso de Ciências Sociais e Políticas na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Durante o primeiro ano de curso, Florestan Fernandes reencontrou o folclore, porém não mais como parte de seu horizonte cultural de infância, mas sim como uma oportunidade de tomá-lo como um objeto de pesquisa. Esse reencontro com o tema ocorreu quando Florestan Fernandes cursou uma disciplina oferecida por Roger Bastide (1898 - 1974), mas na ocasião ministrada por sua assistente Lavínia da Costa Vilela (1907 – ?). A disciplina permitiu que Florestan Fernandes pesquisasse cientificamente as manifestações folclóricas, de forma que “[...] para um recém egresso dos quadros mentais da cultura folk, aquela pesquisa era fascinante” (FERNANDES, 1977, p. 161). Isto é, o envolvimento de Florestan Fernandes com o assunto era algo que tinha um valor substancial para ele justamente

por ser um sujeito oriundo da classe trabalhadora que se encontrava, naquele momento, no interior da Universidade de São Paulo dispondo da oportunidade de pesquisar um tema que não era inédito em sua própria trajetória de vida.

Se o folclore não era novidade na vida de Florestan Fernandes, tampouco era novidade como área de estudos. No interior da Universidade de São Paulo, as pesquisas sobre a cultura nacional eram estimuladas por Roger Bastide que, desde a sua chegada ao Brasil em 1938¹, ocupava a cátedra de Sociologia I da USP. Todavia, as manifestações populares não gozavam de prestígio somente no interior das universidades, tal como demonstram os trabalhos de Cavalcanti e Vilhena (1990), Cavalcanti (2002) e de Silva e Cruz (2018). Segundo esses autores, o folclore se constituía como uma área de investigação que interessava as políticas governamentais de forma estratégica. Isso ocorreu porque nos tempos áureos das pesquisas folclóricas, entre as décadas de 1940 e 1950, os governantes atribuíam importância às manifestações folclóricas em duplo sentido. O primeiro deles se relacionava com o clima de urgência em mapear e coligar os materiais folclóricos, visto o acelerado processo de mudança social em curso que modificava e/ou suprimia certas manifestações folclóricas. Em 1958, com o objetivo de discutir esse assunto, o poder executivo brasileiro decretou a instituição da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro que

[...] trazia uma proposta de atuação urgente: no folclore [...] se encontravam os elementos culturais autênticos da nação, porém o avanço da industrialização e a modernização da sociedade representavam uma séria ameaça. Por essa razão, a cultura folclórica devia ser intensamente divulgada e preservada (CAVALCANTI, 2002, p. 4).

Já o segundo sentido, relacionava-se à pertinência atribuída a esse tema na busca pela definição da identidade brasileira, pois as autoridades governamentais acreditavam que as manifestações folclóricas auxiliavam no processo de compreensão científica da identidade nacional. Quer dizer, ao compreender o folclore seria possível compreender a identidade do povo brasileiro e, por isso, era um tema de interesse nacional.

Da mesma forma, Florestan Fernandes reconhecia a potência do folclore enquanto um objeto de estudos capaz de desnudar certas particularidades formativas da identidade da nação brasileira. Essa constatação pode ser confirmada com o seguinte trecho:

Entre nós, o folclore representou, desde o começo, uma tentativa para estabelecer, concretamente, o papel desempenhado na formação da cultura brasileira pelas “correntes étnicas formadoras” (índio, português e negro) e para delimitar o alcance das atividades transformadoras ou criadoras dos seus descendentes (FERNANDES, 2003, p. 145).

Porém, outros aspectos acerca do folclore também interessavam Florestan Fernandes. Para

1 Sobre a influência da figura de Roger Bastide na produção sociológica brasileira, é interessante consultar os trabalhos de QUEIROZ (1994) e PEIXOTO (2000).

o autor, além do processo de coligir, mapear e descrever os materiais folclóricos era fundamental que os estudiosos do folclore se dedicassem também a interpretar sociologicamente esses mesmos materiais (FERNANDES, 1978, 2003). Sobre esse ponto, é necessário salientar que o autor percorreu esse caminho intelectual, pois em um primeiro momento ele privilegiou a realização do trabalho empírico de coleta de dados e posteriormente realizou interpretações teóricas e analíticas sobre os dados coletados. Mediante a essa proposta investigativa, Florestan Fernandes pôde compreender as relações estabelecidas entre o folclore e a cultura, entre o folclore e a educação e entre o folclore e a sociedade. As conclusões a que ele chegou, e que serão apontadas ao longo deste artigo, podem ser resumidas da seguinte maneira: o folclore é cultura, o folclore tem potencial educativo e, além disso, o folclore não é uma vivência cultural exclusiva de uma única classe social. Faz-se necessário, porém, compreender a crítica formulada por Florestan Fernandes a respeito do surgimento dos estudos e das pesquisas folclóricas.

As origens do folclore

Um dos temas que mobilizou as interpretações de Florestan Fernandes sobre a questão folclórica foi a busca por compreender as origens do folclore enquanto área de estudos. Para o autor, o folclore possuía um duplo caráter. O folclore poderia ser entendido tanto como uma expressão/manifestação cultural viva quanto como uma área de estudos que, por sua vez, buscava a sistematização do conhecimento a partir da observação dos materiais folclóricos (FERNANDES, 2003).

A palavra folclore, surgida de um neologismo (*folk-lore* – saber do povo), foi utilizada pela primeira vez pelo etnólogo inglês William John Thoms, em 1848. Àquela época, o termo foi empregado para designar uma área de estudos que se ocupava em pesquisar as antiguidades populares. Todavia, Florestan Fernandes era crítico da ideia de que o folclore se limitava exclusivamente às antiguidades populares. Para o autor, essa ideia conduzia os pesquisadores do folclore a interpretar que “[...] em síntese, o objeto do folclore seria [...] o estudo dos elementos praticamente ultrapassados: as ‘sobrevivências’” (FERNANDES, 2003, p. 41).

Esse entendimento acerca do folclore era questionável para Florestan Fernandes, pois cabia indagar sobre qual grupo social era considerado o portador dessas manutenções culturais ou “atrasos”, sobretudo ao colocar em pauta as transformações sociais, culturais e econômicas experimentadas ao longo dos séculos XIX e XX. Na opinião de Fernandes, as origens dos estudos sobre as manifestações folclóricas levaram os pesquisadores e os leitores desses estudos a assumirem que o “[...] folclore consistia, numa cômoda expressão, na ‘cultura do inculto’ (em contraposição à cultura do ‘culto’, expressa [...] pela literatura, pela ciência, pela filosofia e pela religião *oficial*)” (FERNANDES, 2003, p. 42, grifo do autor). Essa contraposição entre os considerados cultos e os considerados incultos, segundo Fernandes, era uma forma de enfatizar as diferenças entre as classes

sociais coexistentes na sociedade. Ou melhor, era uma maneira de assumir uma visível ruptura e descontinuidade entre indivíduos, algo que sugestionava a existência de uma sociedade dividida.

Ainda sobre as origens do folclore, Florestan Fernandes reconhecia que os estudos folclóricos foram herdeiros da tradição romântica do século XIX, mas acreditava na existência de interesses velados no surgimento do folclore enquanto sistema de estudos. Para o autor, era necessário “[...] situar o folclore como uma consequência, ou melhor, uma necessidade da filosofia do século XIX [...]” (FERNANDES, 2003, p. 53). A filosofia a qual Fernandes se dirigia era a Filosofia Positivista comtiana que foi definida pelo autor da seguinte maneira:

[...] essa filosofia de desenvolvimento por etapas, gradual, que em Augusto Comte foi sistematizada na lei dos três estados, [...] era parcialmente negada em detalhes pela persistência, na mesma sociedade, dos dois tipos de explicação: aquela que seria característica de um estado positivo, por exemplo, explicação racional e científica; e doutro lado, tipos de explicação que, nesse esquema, se chamariam irracionais (explicação não lógica) (FERNANDES, 2003, p. 55).

Nesse sentido, Florestan Fernandes buscou responder o seguinte questionamento: de que maneira a Filosofia Positivista poderia explicar a sobrevivência do folclore? Nesse caso, é fundamental compreender a crítica elaborada pelo autor no que dizia respeito às intenções da Filosofia Positivista em pesquisar e interpretar esse tema. Segundo o Fernandes, havia um interesse histórico em colocar à prova a

[...] afirmação feita pela esquerda hegeliana [particularmente por Marx e Engels, que aplicavam outra concepção do desenvolvimento, fornecida pelo materialismo histórico]. Era um interesse de classe, propriamente dito, pois; por isso, os folcloristas puseram particular ênfase no estudo das “sobrevivências”, com o fim velado de entremostrear [que] nas sociedades civilizadas, as camadas da população que não acompanham o “progresso” constituem o *povo*; ou seja, em outras palavras, só a burguesia é capaz de “progresso” (FERNANDES, 2003, p. 55 e 56, grifo do autor; interpolação por minha conta).

Em outras palavras, mais do que a busca por compreender, interpretar e mapear as manifestações folclóricas, os estudos folclóricos da época tinham um objetivo interessado que corroborava com a ideia de que haveria diferenças substanciais entre os grupos sociais. Nesse sentido, a ideia transmitida por esses estudos era a de que povo não seria capaz de alcançar o progresso, tal como a burguesia. Diante dessa questão, as pesquisas folclóricas desenvolvidas por Florestan Fernandes buscaram responder, entre outras, a seguinte pergunta: haveria uma sociedade dividida entre dois grupos sociais substancialmente distintos?

O potencial das pesquisas folclóricas

Para responder a essa questão, faz-se necessário mencionar algumas características das pesquisas folclóricas desenvolvidas por Florestan Fernandes. Em um primeiro momento, é importante compreender o porquê de Florestan Fernandes ter concentrado as suas investigações folclóricas na cidade de São Paulo.

São Paulo, durante as décadas de 1940 e de 1950, se configurava como um lugar especial para a investigação do processo de mudança social. Segundo Florestan Fernandes, a cidade era um local estratégico para compreender “[...] o processo pelo qual certos elementos culturais perdem a universalidade e se tornam requisitos da vida social de determinada camada da população [...]” (FERNANDES, 2004, p. 10). Ou seja, a capital paulista se constituía como um bom laboratório para que os cientistas sociais pudessem compreender os efeitos da mudança social em curso. Disse ele:

O que aconteceu [...] com o folclore da cidade é fácil de explicar-se. Ele foi preservado, durante muito tempo, pelas condições rústicas e provincianas de vida, que imperaram em São Paulo até quase os fins do século XIX. A transição para o estilo urbano de vida processou-se, em seguida, com certo ímpeto e intensidade, sob a confluência de heranças culturais mais ou menos distanciadas da antiga tradição rural imperante na cidade. Em consequência, não se operou uma renovação de quadros humanos numa direção que pudesse estabelecer maior continuidade com as matrizes de novo sistema civilizatório [...]. Na cidade de São Paulo, tal coisa sucedeu em escala mitigada, pois o controle exercido pelas camadas dominantes não pôde impedir a rápida renovação dos estilos de pensamento e de ação. Com isso, as oportunidades de mudança gradual desapareceram ou nem chegaram a impor-se com referência a vários setores da herança social tradicional. O folclore foi um dos setores mais afetados, já que as próprias pessoas chegavam a envergonhar-se de certas “rusticidades” e de certos “provincianismos” que constituíam condição para a sua renovação nas situações urbanas de vida (FERNANDES, 2004, p. 31).

De acordo com o trecho destacado, é possível interpretar que o potencial do folclore atribuído por Florestan Fernandes era justamente a possibilidade que esse tema tinha de lançar luzes sobre as características daquela sociedade em transformação. Por esse ponto de vista, é possível dizer que as análises folclóricas ajudaram Florestan Fernandes a compreender as vicissitudes de uma nova ordem social em construção.

Apontado esse interesse particular pela cidade de São Paulo, cabe agora entender o real significado do folclore para o autor. Segundo Florestan Fernandes,

[...] os fatos apresentados e caracterizados como folclóricos estão compreendidos numa ordem de fenômenos mais ampla - a cultura - e podem ser estudados como aspectos particulares da cultura de uma sociedade [...] (FERNANDES, 2003, p. 48).

A assertiva de Florestan Fernandes é didática e autoexplicativa: o folclore é cultura. Em tal caso, sendo o folclore um elemento determinado e/ou particular da cultura de uma sociedade, por qual motivo o folclore não foi denominado de cultura? Florestan Fernandes buscou responder a essa pergunta de forma pedagógica ao dizer que

Para os autores da época e ainda para alguns folcloristas contemporâneos o termo *cultura* significaria o patrimônio cultural das classes mais elevadas; e seria, caracteristicamente, uma cultura transmitida por meios escritos, compreendendo todos os conhecimentos científicos, as artes em geral e a religião oficial. O termo *folclore* significaria e abrangeria, pois, todos os elementos que constituem o que se poderia entender como “a cultura das *classes baixas*”, transmitida oralmente. [...] (FERNANDES, 2003, p. 39, grifos do autor).

O argumento de Florestan Fernandes permaneceu coerente com as suas considerações prévias no que dizia respeito às origens do folclore enquanto área de sistematização de conhecimento. A ideia de atrasos e de sobrevivências de certas manifestações culturais, supostamente não mais condizentes com a sociedade moderna, era uma justificativa de respaldo até mesmo científico que buscava demonstrar que os elementos ultrapassados estavam presentes exclusivamente entre as classes mais baixas. Em outras palavras, esses estudos tinham por objetivo confirmar a suposição de que o progresso não era acompanhado por todos os indivíduos, pois certa parcela da população fazia uso das explicações racionais enquanto a outra concentrava suas explicações em bases não racionais fundamentalmente transmitidas pela oralidade, pelas crenças, pelos costumes, pelas superstições. Entretanto, Florestan Fernandes era crítico a essa ideia e com as suas pesquisas empíricas procurou demonstrar que essa era uma interpretação imprecisa da realidade, pois

é fácil verificar, como fizemos numa pesquisa, em São Paulo, que os mesmos elementos folclóricos ocorrem, indistintamente, em ambos os meios ou classes sociais. Os mesmos provérbios, as mesmas “superstições” e as mesmas “crendices”, os mesmos contos, as mesmas lendas etc. são igualmente usados por indivíduos do “povo” ou das classes “altas” e “cultas”, não havendo aí condições para caracterizar profundamente - e não por ocorrências específicas e isoladas - uns ou outros, relativamente à “literatura oral”, salvo participação desigual dos elementos, o que não infirma, em absoluto, a generalidade desses elementos (FERNANDES, 2003, p. 46).

Ora, a tentativa de qualificar o folclore como algo exclusivo do povo era fundamentada em uma conclusão que continha inverdades, mas ainda assim fazia parte do senso comum. No fundo, o que Florestan Fernandes procurava comprovar era que a cultura de *folk* se fazia presente entre todas as camadas sociais. Portanto, a questão crucial estaria numa outra face a ser revelada mediante as análises das manifestações folclóricas.

O folclore, tal como as pesquisas de Florestan Fernandes demonstraram, encontrava-se presente entre as classes consideradas altas e as classes consideradas baixas. Porém, as classes altas

usufruíam de condições materiais que lhes permitiam acompanhar a roda do progresso e, além disso, nada era um fator impossibilitante de continuarem a utilizar alguns dos elementos da cultura de *folk*. Contudo, ao olhar para as classes baixas caberia perguntar o porquê de a situação inversa não ser possível. Ora, se por um lado as classes baixas tinham um amplo acesso ao folclore, por outro o mesmo não ocorria ao se verificar as possibilidades de usos das novas condições inauguradas com o advento do progresso. Para responder sobre a diferença existente entre as classes altas e baixas, Florestan Fernandes enfatizou que “[...] a situação social dos indivíduos determina as condições gerais de seu modo de vida, permitindo e fazendo-os participar de certa maneira do patrimônio cultural do seu grupo” (FERNANDES, 2003, p. 44).

Ou seja, ao olhar para o folclore Florestan Fernandes pôde compreender que a cultura de *folk* se tratava de um bem universal, diferentemente da cultura considerada “civilizada” que, por sua vez, se apresentava como um bem particular e, portanto, não partilhado por todos os indivíduos da população brasileira. Sendo assim, os questionamentos permaneciam os mesmos para Florestan Fernandes: haveria uma sociedade dividida entre os detentores do progresso e o povo ou haveria uma sociedade em que os bens materiais eram acessados de forma desigual? Seria o “atraso cultural” uma consequência da desigualdade existente?

Florestan Fernandes se ocupou dessa discussão e buscou compreender as raízes do problema, pois, para ele, certos estudos folclóricos levaram as pessoas a entenderem que

a sociedade seria uma grande dicotomia, em que se poderia distinguir: de um lado, o povo, vivendo exclusivamente desses valores residuais, muitas vezes caracterizados como irracionais; de outro, um grupo homogêneo de indivíduos, com hábitos e formas de conduta radicalmente diferentes, que muito pouco - ou nada - se utilizariam daqueles valores “ultrapassados” [...]. De qualquer forma, os modos de ser, de pensar e de agir dos indivíduos pertencentes a cada divisão difeririam por natureza. [...] De modo que teríamos, paralelamente, numa mesma sociedade, duas formas de comportamento diversas, nascidas de valores também diversos. No que toca ao folclore, este consistiria, objetivamente, numa cômoda expressão, na “cultura dos incultos” (FERNANDES, 2003, p. 62).

De acordo com Florestan Fernandes, essa foi uma ideia que ganhou repercussão nos meios intelectuais da época. Não obstante, o autor atacou o problema e por meio de suas pesquisas empíricas pôde constatar que,

numa sociedade, todos compartilham, pouco mais ou menos, valores comuns. Parece conveniente, portanto, insistir sobre isso - coisa que pelo menos alguns daqueles folcloristas deveriam ter considerado -: que o ideal social, criado pela sociedade sob a forma de valores, e, portanto, expresso também sob a forma de elementos folclóricos, abrange indistintamente todas as classes sociais, sobrepondo-se às variações restritas da vida de seus membros e às diferenças ocasionadas por essas variações. Uma mesma regra vale para todos os indivíduos, enquanto membros de uma sociedade, já que são

coletivas e, embora o fato de se pertencer a uma determinada camada social possa implicar alguns privilégios (ou ausência deles), é óbvio que a vida social seria impossível se pelo menos os elementos considerados básicos para a sobrevivência da sociedade não fossem compartilhados e aceitos por todos os seus membros (FERNANDES, 2003, p. 45).

Essa reflexão se apresenta como um ponto crucial nas discussões de Florestan Fernandes, porque foi nesse momento que ele manifestou a ideia sobre as condições mínimas necessárias para se pensar o funcionamento de uma sociedade. Como a assertiva demonstra, existem valores que são partilhados entre todos os membros da sociedade e sem os quais seria improvável a convivência social harmônica. Portanto, não há nada que justifique a existência de uma sociedade em que conviva grupos sociais diametralmente opostos. À vista disso, para Florestan Fernandes, o cerne da questão estava na busca por compreender o porquê de determinada camada social ter tido acesso privilegiado a certos bens culturais, tal como a cultura letrada, o saber científico etc., enquanto a outra camada social não teve a oportunidade de acessar esses mesmos bens. Na interpretação de Florestan Fernandes, o que existia entre as classes era uma variação de intensidade nos usos das manifestações folclóricas. O autor procurou investigar as discussões educacionais brasileiras juntamente com a questão folclórica para explicar a existência dessa variação nos usos do folclore.

Isto posto, sendo as manifestações folclóricas uma expressão genuína da cultura de uma sociedade, Florestan Fernandes buscou caracterizar a importância desse aspecto da vida social ao demonstrar que o folclore possuía um valor educativo em meio a sociedade. Isso, porque

[...] concebendo a educação como um sistema de aquisição de elementos culturais, podemos estudar a educação das crianças também como um processo de seus próprios grupos, através de atualizações da cultura infantil (nos folguedos em geral)” (FERNANDES, 2004, p. 468).

Com os estudos nessa área, o autor pôde constatar que as brincadeiras, as trocinhas, os jogos etc., possuíam um valor educativo, pois, como o excerto demonstra, a manifestação folclórica funcionava como um sistema de aquisição de elementos culturais. Tendo em vista o contato com o mundo simbólico das brincadeiras, dos brinquedos e folguedos, Florestan Fernandes percebeu que as crianças faziam adaptações dos elementos e dos costumes próprios da vida social adulta. Isso não queria dizer que as crianças imitavam os adultos, mas sim que as crianças apreendiam e representavam uma função social específica por meio das brincadeiras. O trecho a seguir exemplifica esse ponto:

[...] há entre as crianças (até 7 ou 8 anos entre os meninos e até mais entre as meninas) brinquedos cujos motivos são aspectos da vida do indivíduo adulto, tais como “fazer comidinhas”, “brincar de casinha” etc. Nestes casos, em que uma faz o papel de pai, de

mãe ou de dona-de-casa, a criança não imita o pai, a mãe ou a dona-de-casa, *strictu sensu*. Os atos do pai têm um significado real, dentro do grupo familiar, profissional, religioso ou vicinal em que ele age: correspondem a necessidades relacionais, rituais ou técnicas. São atos particulares, pessoais, de que a criança pode dizer: “Meu pai fez isto. Eu também fiz, porque o vi fazer”. Mas, nos brinquedos, a criança não imita seu pai ou sua mãe. Pai e mãe são entes gerais, representam uma função social. As crianças abstraem da pessoa A, B ou C, para falar de “pai” e “mãe” de modo genérico, desempenhando nos folguedos suas funções (FERNANDES, 2004, p. 469).

Dessa maneira, as manifestações folclóricas realizadas pelas crianças tinham um valor educativo justamente porque se tratava de uma função socializadora, de forma que o universo lúdico infantil preparava as crianças para vivenciarem certos aspectos da vida social adulta. Então, o autor concluiu que se tratava de uma

[...] educação da criança, entre as crianças e pelas crianças, [dado que] a criança é modelada, é formada, também, através dos elementos da cultura infantil, pois estes elementos põem-na em contato direto com os valores da sociedade (FERNANDES, 2004, p. 219, interpolação por minha conta).

Como se pode notar, o folclore infantil foi um tema de pesquisa relevante na trajetória de Fernandes e, de acordo com Porto (2014), as pesquisas de Florestan Fernandes nessa área são bastante significativas, pois abriram caminho para que se possa pensar atualmente

[...] a criança [como] um sujeito de memória, criatividade e intuição, um ser cognoscente, capaz de interpretar e compreender o mundo a partir de elementos elaborados por ela própria, brincando e reinventando interações e linguagens. É um sujeito criativo que traz nas suas brincadeiras cotidianas elementos do mundo adulto, ressignificando-os a partir de uma cultura infantil (PORTO, 2014, p. 139, interpolação por minha conta).

Por esse ângulo, pode-se dizer que Florestan Fernandes foi um dos pioneiros no Brasil ao detectar a importância do folclore no processo de socialização e educação das crianças. Porém, além da compreensão do universo infantil, Florestan Fernandes pôde constatar, mais uma vez, que o folclore se encontrava presente entre as camadas baixas e altas da população brasileira, posto que era algo que fazia parte do universo lúdico das crianças. Todavia, o valor educativo do folclore era um processo que se dava, sobretudo, por meio da educação não formal. Para confirmar essa ideia, Florestan Fernandes diagnosticou que

[...] ao contrário do que pode acontecer com a educação sistemática – a qual tende geralmente à universalização do indivíduo pelo conhecimento –, esta forma de socialização plasma o indivíduo para o seu meio restrito, sendo particularista por

excelência” (FERNANDES, 2004, p. 220).

Ora, o autor inseriu nas discussões folclóricas mais uma reflexão envolvendo a questão educacional. Na verdade, tratava-se de um contraponto entre o processo educativo informal – onde historicamente esteve localizado o folclore – e a educação formal/sistemática. Sendo o folclore particularista por excelência e localizado à margem do desenvolvimento da educação formal, Florestan Fernandes buscou explicar o porquê de a cultura de *folk* ser requerida em maior intensidade pelas camadas populares, algo que perpassava a ideia de que o povo se encontrava apegado às sobrevivências e ao passado.

Para desmistificar essa afirmativa, Fernandes entendia ser importante reconhecer que a educação formal/sistemática era fruto de uma nova mentalidade que não era acessada de maneira universal, pois era resultado do processo de mudanças sociais em curso, tal como apontado anteriormente. Sendo assim, concluir que o povo era apegado ao passado não condizia com uma reflexão sociológica e científica, haja vista que não se tratava de um apego aos costumes e aos conhecimentos tradicionais, mas sim o único horizonte possível para a parcela da população que não dispunha de condições outras. Ora, a linhagem do pensamento científico e o acesso à educação formal não havia se tornado universal àquela época, já que permanecia como um bem restrito a um pequeno grupo de pessoas.

Em síntese, não havia uma sociedade dividida na qual um determinado grupo de pessoas olhava para o futuro enquanto o outro se mostrava apegado ao passado. Em contrapartida, havia uma sociedade em que a camada social mais baixa, os denominados incultos, não dispunha da real possibilidade de acessar os bens e os valores do progresso em curso. Tratava-se, para Florestan Fernandes, de uma sociedade em que os grupos sociais acessavam de maneira desigual os frutos das mudanças sociais.

Considerações finais

Conforme brevemente exposto, pode-se dizer que o folclore não se tratou de uma questão de menor importância na carreira de Florestan Fernandes, embora não tenha ocupado um espaço de centralidade em suas temáticas. Ora, existe uma extensa quantidade de artigos escritos pelo autor tendo como foco a questão folclórica. Trata-se, a saber, de cinquenta e nove artigos publicados em jornais e revistas entre os anos de 1941 e 1962. Pode-se dizer, então, que o folclore invadiu parte significativa da sociologia produzida pelo autor, afinal foram vinte e um anos refletindo sobre a questão *folk* e a sua influência na dinâmica da vida social brasileira.

Por meio das pesquisas folclóricas, Florestan Fernandes se lançou à observação empírica, algo que o ajudou a compreender a importância da coleta e do mapeamento de dados referentes à vida cultural brasileira, sobretudo para os cientistas sociais que buscavam interpretar sociologicamente

os dados colhidos. A interpretação das manifestações folclóricas foi algo crucial para a sociologia produzida pelo autor, pois o folclore se apresentava como um objeto privilegiado para que refletir sobre os fluxos e os refluxos de uma sociedade em processo de mudança social². Por esse ângulo, não há como discordar da interpretação de Oswaldo Elias Xideh que compreendeu que “[...] a andança de Florestan pelos domínios do folclore foi uma propedêutica, um exercício preliminar, um ponto sólido de partida para a sua extensa, profunda e inovadora produção no campo das Ciências Sociais” (XIDEH, 1987, p.91). Desse modo, não é exagero afirmar que foi por meio do folclore que Florestan Fernandes pôde começar a compreender aspectos relevantes da configuração social brasileira, por sua vez, marcada pela desigualdade entre os grupos sociais.

Ao observar o folclore em Florestan Fernandes, é possível verificar que ele esteve comprometido em desempenhar a sua função de cientista social de maneira séria e não por diletantismo. Desde o início de sua carreira, o autor esteve comprometido com a interpretação das questões mais amplas envolvendo a realidade objetiva brasileira. O folclore foi um dos objetos que ajudou Florestan Fernandes a acessar questões profundas sobre a desigualdade social, sobre o que era universal e particular, sobre os costumes, sobre a cultura, sobre a sociedade, sobre a educação etc. Além disso, foi um objeto que possibilitou ao autor a compreensão do modo como a sociedade em modernização se ajustava no contexto nacional. Em resumo, o folclore, tão vivenciado por Florestan Fernandes, transformou-se em uma ferramenta que o permitiu compreender sociologicamente, entre outras coisas, a maneira desigual com que se estabelecia o processo de mudança social no Brasil.

Referências

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; VILHENA, Luís Rodolfo Paixão. 1990. “Traçando fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore”. *Revista Estudos Históricos*, v. 3, n. 5, p. 75 – 92.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. 2002. *Entendendo o folclore e a cultura popular*. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular: Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.cnfc.gov.br/pdf/entendendo_o_folclore_e_a_cultura_popular.pdf> Acesso em: 01 dez. 2020

FERNANDES, Florestan. 1963. *A sociologia numa era de revolução social*. São Paulo, Editora Nacional.

_____. 1977. “Em busca de uma sociologia crítica e militante”. In: _____ *A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes.

_____. 1978. *A condição de sociólogo*. Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia HUCITEC.

² É importante mencionar que a busca pela compreensão social dos significados das mudanças sociais em curso foi um tema capital na sociologia produzida por Florestan Fernandes. Ver: FERNANDES (1963, 2004 e 2008).

- _____. 2003. *O folclore em questão*. 2º. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- _____. 2004. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. 3º ed. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- _____. 2008. *Mudanças sociais no Brasil*. 4ª Ed. rev. - São Paulo: Global.
- PEIXOTO, Fernanda Arêas. 2000. *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- PORTO, Patrícia de Cassia Pereira. 2014. “Educação, literatura e cultura da infância: compreendendo o folclore infantil em Florestan Fernandes”. *Educação & Sociedade*, v. 35, n. 126, p. 129-141.
- QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. 1994. “Roger Bastide, professor da Universidade de São Paulo”. *Estudos Avançados*, v. 8, n. 22, p. 215-220.
- SILVA, Ana Teles da; CRUZ, Danielle Maia. 2018. *Do folclore ao patrimônio imaterial: coleta, seleção e interpretação da cultura popular e identidades*. Paper apresentado no 42º Encontro Anual da ANPOCS – GT-04. Disponível em: <<http://anpocs.com/index.php/encontros/papers/42-encontro-anual-da-anpocs/gt-31/gt04-21>>
- XIDIEH, Oswaldo Elias. 1987. “O folclore em questão”. In: D’INCAO, Maria Ângela (Ed.). *O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*. São Paulo/Rio de Janeiro, Unesp/Paz e Terra.